



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida [AT]

DINÂMICAS DA TÉCNICA, CULTURA & VALORES

ESPERANÇA, Eduardo Jorge

Professor auxiliar com Agregação, Universidade de Évora, tedhope17@gmail.com

Resumo

No grande espaço social onde a sociologia averigua a construção contínua da cultura através de todos os movimentos e objectos novos intruduzidos e usados pelas pessoas, uma atenção especial é orientada para a emergência de valores e proto-valores directa ou indirectamente promovidos por estes novos objectos (materiais e imateriais) e usos. Tentamos aqui conjugar as abordagens e teorias que mais recentemente têm observado a inserção dos sujeitos na técnica, e o modo como objectos técnicos e tecnológicos alteram o estar-em-sociedade em geral, e o perfil das relações sociais em particular.

Abstract

In the vast social areas where sociology examines the solid construction of culture through all the movements and new objects used by people, special attention is directed towards the emergence of values and proto-values directly or indirectly promoted by these new objects (material and immaterial) and uses. In the present approach, we try to combine the approaches and theories that more recently have observed the insertion of the subjects in the technique, and how technical and technological objects change the being-in-society at large, and the profile of social relations in particular.

Palavras-chave: Cultura; Relação; Objecto transicional; Automatização; Rede

Keywords: culture; relationship; transitional object; automation; network

[COM0219]

Dinâmicas da Técnica, Cultura & Valores

O primeiro autor a destacar-se neste espaço é Bernard Stiegler (2011) que defende a necessidade de uma análise conjuntural e abrangente nas Ciências Sociais sem a qual todas as tentativas se tornam parciais. Já em 1987 Michel Henry em «Barbárie» chamava a atenção para o processo que investia a CULTURA como materialização da vida e do sujeito subjectivo em contraponto com a secura da objectividade científica; sintetizava isto no que chamou “a negligência do humano” também um pouco como reacção às correntes pós-humanistas dos anos 70. Segundo Michel Henry - há barbárie quando o homem foge do *pathos* fundamental que é a vida, e a entrega aos Frankensteins que construiu. Stiegler destaca igualmente a invasão dos procedimentos automatizados, fora e dentro das pessoas, no modo como ao incorporarem determinados procedimentos quotidianos – em particular pelos novos interfaces de relação com o mundo – se desapossam das suas possibilidades alternativas de controlo da vida.

Numa perspectiva genealógica, e descendo ao cerne dos modelos de relacionamento, encontramos Melanie Klein(1967) que, na sua teoria de investimento objectal, chama a atenção para o investimento nos objectos e para o modo como nos amparamos nos objectos transicionais que substituem temporariamente a segurança da mãe próxima e, depois, mais distante...

David Winnicott (1958), particularmente no artigo intitulado «*Capacity to be alone*», descreve a "mãe suficientemente capaz" e a formação da personalidade estável ou instável a partir das competências maternas de introdução da criança no mundo e formas de modulação dos afectos. Esta teoria das relações transicionais/objectais observa o objecto como substituto da mãe e, depois, como substituto da relação afectiva satisfatória.¹ Aqui podemos destrancar a nossa imaginação para observar o modo como crianças e adultos estabelecem relações mediadas e/ou centradas em objectos à sua volta. Para Winnicott (1958) o primeiro indício de maturidade aparece na constituição da capacidade de estar só na presença (ou ausência) da mãe. Esta capacidade é âncora nas formas de relação do ego com o mundo. Um modelo de relação que, se inicialmente é individual, depois se vai adaptando melhor ou pior aos modelos sociais de relação vigentes e que mais interessam os sociólogos.

Na tónica de Winnicott (1971a), o "Bom objecto incorporado" (Good Internal Object) ilustra o modo como alojamos o mundo em nós, o carregamos simbolicamente e como, pelo modo como o fazemos, isso nos pode provocar estragos ou bem-estar psicológico.

Deste modo, a capacidade de a mãe inspirar confiança na criança para lhe oferecer autonomia, pode ser a chave para a capacidade suficiente em pelo menos dois domínios:

- 1- O Cultural, - a capacidade de domínio das matrizes simbólicas que circulam em sociedade e exigem uma incorporação performativa; a nossa capacidade relativamente às formas de manuseamento e tratamento dos objectos simbólicos com que nos deparamos;
- 2- O social - no modo como se incorpora uma condição suficiente da amizade e relação com o outro;

Aqui não se trata da "segurança ontológica" de que fala Giddens (1992), mas de uma segurança primária, original, chave para o acesso à serenidade no espaço social e ao controlo das formas de sublimação. O «F.O.M.O.» - Fear of Missing Out², e o déficit de atenção diagnosticados nos jovens contemporâneos, podem revelar falhas nesse processo de construção serena da relação transicional sem o qual não se consegue chegar efectivamente nem ao social, nem à cultura, por falha orgânica no domínio dos modos de relação dos elementos mínimos necessários a estas capacidades.

Stiegler destaca o problema actual da incapacidade de sublimação. Esta, na sociedade tradicional, implicava toda a incorporação simbólica dos valores sociais, incluindo a vontade sincera de lutar por eles. Na localização da experiência cultural" Winnicott (1971b) demonstra como na criança, a capacidade para saber brincar - saber colocar os objectos e o outro em relação, é crucial na modelação da relação com o mundo - no modo como brinca e incorpora o ambiente circundante.³ É na construção desse espaço que se vai aos poucos

incorporando, internalizando, que se instalam o simbólico e as suas matrizes, centrais no entendimento operacional da cultura, espaço ancorado nos fenómenos transicionais de relação objectal.⁴

O problema que Stiegler(2008) trás à tona é que a sociedade contemporânea foi invadida por dispositivos de solicitação de todo o género, em particular solicitação libidinal que, no seu conjunto, organizam uma perda de individuação. Isto terá começado com o incapacitar de possibilidade de sublimação. Se antes se lutava pela autonomia dos indivíduos, hoje luta-se pela possibilidade de individuação dentro do capitalismo pulsional que controla o desejo das pessoas. O desejo transfigura-se em força social, particularmente através dos media, e orienta para a preguiça e a estupidez. O auxílio dos dispositivos de memória, que a exteriorizam e controlam, auxiliam igualmente mais a perda dessa capacidade de memória que facilita a sua organização exterior e a permanente criação de um imaginário (des)controlado, organizado pelos media e pelos algoritmos do Google e do Facebook.⁵ As cristalizações da memória, com o auxílio da tecnologia, e que permitem "não pensar", devem levar-nos ao extremo de nos interrogarmos permanentemente acerca da nossa capacidade de escolher a cultura que consumimos. No quadro da memória simbólica a que nos é permitido aceder, aparece um cenário de captura e canibalização da nossa libido que nos automatiza as opções de sublimação através dessa homogeneização do simbólico. Desapareceu o caminho tradicional sublimante para a virtuosidade compensada socialmente, resta-nos o cenário obrigatório, institucional, maquínico, formalmente idêntico ao do "Admirável Mundo Novo" de Huxley.

Os processos de gramatização

Relativamente a estes processos que nos depositam neste «Admirável Mundo Novo», Stiegler (2005) fala em processos de gramatização implicando – pelas tecnologias e pelo domínio que impõem – o controlo dos procedimentos num processo de panóptico-Big Brother incorporado, que externaliza toda a capacidade de decisão dos sujeitos. Existe alguma proximidade à alienação em Marx, embora a morfologia seja diferente. A Escola de Francoforte já criticara a alienação em massa no séc.xx, levada a cabo pelos media, que haviam substituído a religião como ópio do povo. Na contemporaneidade, é o controlo hiper-conectado – a “rede indesligável” que leva a cabo o processo. Neste caso há que ter em conta o impacto dos novos media de rede nos valores sociais, na modulação dos modos-de-estar e a criação de novas formas de sociabilidade – a sociabilidade digital, que produzem gerações duplamente “mimadas”:

- a) pelos pais, que por factores sociais vários, tratam os filhos como filhos únicos, mesmo quando não o são;
- b) Pela técnica/tecnologia que oferece serviços e serviços completos **sem solicitação de reciprocidade**, agora ainda com mais hiperconectividade – a *net* dos objectos. A REDE para nos servir; isto é já tema de vários filmes de ficção científica que, invariavelmente, desembocam na revolta dos autómatos.

O Problema da REDE

O que a técnica faz ao social:

O *Facebook* é, sobretudo, uma experiência de extensão, quase no sentido McLuhaniano do termo. Este potencia acções e acessos de outra maneira não possíveis. Potencia igualmente a partilha de objectos digitalizados ou digitalizáveis. Boa parte do que se fazia antes via *email*, faz-se hoje via Facebook. A exposição do meu trabalho e das minhas ideias; a observação do dos outros; a capacidade de seleccionar, definir e re-definir orientações e relações. Se podemos chamar a isto uma comunidade, ela é muito fluida e permanentemente reconstruída.

As ligações fortes são construídas **fora** do Facebook, mas podem ser induzidas a partir deste, no permanente refazer da nossa axiologia relacional, valores. O próprio Facebook encoraja isso - "melhores amigos", e os outros...

A comunidade digital, de facto, potencializa-se no caso do utilizador saber utilizar os recursos disponíveis. Os acessos aumentam, a definição e selecção aumentam e, basta pensar que se um utilizador experiente e activo do FB quisesse transferir para o "face-to-face" a sua comunidade Facebook, rapidamente descobriria essa impossibilidade, ou então teria uma vida de adolescente tontinho a telefonar a toda a gente e a visitá-los e a mostrar coisas, etc. (ainda conheço gente assim).

Problema

Os estudos recentes sobre as redes sociais oferecem resultados **contraditórios**, dizem:

- a) O excesso de presença *online* bloqueia/incapacita a presença "face-a-face";
- b) A presença online, mesmo em excesso, só potencia a presença " face-a-face ".
- c) o excesso de presença *online* desenvolve a síndrome **FOMO** - Fear of Missing Out - **APAC** - Angústia de perder alguma coisa;

Penso que este problema está delimitado, com razão de existir, mas que se resolve com aprendizagens. Mais relevante e próximo é aquilo a que chamo "**quadro de induções comportamentais**" e que, na época actual, apontam para um certo **esquizóidismo**: as condições de socialização das novas gerações oferecem-lhes serviços, tecnologias, objectos hiperconectados, todos em modo de "**prontidão servicial**" e **disponibilidade absoluta**. Isto sim, potencia a **resistência à relação entre humanos**; o humano quotidianamente habituado a ser servido com total disponibilidade, como o imperador mal-habitado, desactivou a maior parte das capacidades relacionais com os outros humanos que tendem a estar na mesma situação. O exemplo disso é a pessoa que não tem amigos nem relações, e o único ser vivo com que se consegue relacionar é o cão - mais - alardeia isso aos sete ventos, passando a si próprio um atestado permanente de incapacidade relacional.

O isolamento mitigado

O problema social da simulação de companhia – em isolamento mitigado – já havia sido destacado desde o séc. XIX entre os ávidos leitores de romances (como ainda hoje os telespectadores de telenovelas); depois no séc. XX as obsessões dos cinéfilos pelas salas de cinema; hoje, a incapacidade de se desligar de tudo e, em particular da rede, que a torna quase um suporte ontológico existencial. Por mais que os avisem dos problemas que vão da perturbação do sono à alteração hormonal e outros efeitos menos conhecidos pelo facto de tentarem dormir com o *smartphone* junto à almofada, grande parte dos/as jovens não prescinde dessa proximidade e factor de segurança que se tornou endémico.

Será que este algoritmo gosta de mim?

A necessidade de estar visível, de se mostrar na rede e gerar reacções, pode ser entendido como um sintoma dessa des-indivuação a que os indivíduos em rede se sujeitam. A mesma obsessão de verificar permanentemente se alguém está a ver e a reagir aos meus "*posts*", denuncia precisamente esse baixo nível de individuação. Nos anos 30 do séc. XX, Paul Valéry falava na baixa do valor do "*esprit*" que já se fazia sentir. Hoje fala-se de uma **proletarização mental** generalizada paralela a uma **desestruturação das relações sociais** e que clama por uma ecologia do espírito. Stiegler (2011) fala mesmo de uma luta contra a estupidez numa sociedade de consumo passivo dos *media* de difusão e da própria rede. Por exemplo, a recente introdução das cápsulas de café que vieram substituir a máquina de café tradicional conseguiu colocar o cidadão supostamente ecologista, e que até faz separação de lixos e os coloca nos contentores

apropriados, a **não pensar** no atentado ecológico que estas cápsulas representam no seu consumo indiscriminado e poluente. Outro exemplo simples: tradicionalmente não circulavam em Portugal automóveis com caixa de velocidades automática; a sua introdução em Portugal é recente e tem influência americana. Sabendo-se que a caixa de velocidades manual poupa 15 a 30% de combustível dependendo da cilindrada do automóvel, oferece maior segurança no controlo de tracção do veículo, valoriza o carro em 2ª mão no momento da revenda, porque raio os condutores se deixam tão facilmente influenciar pelo mercado que lhes impinge a caixa automática?

Outros dois exemplos que nos entram pela vida adentro e que não necessito documentar pela sua presença tão próxima, são os casos performativos da UBER e da AIRBNB que, do exterior alteram por completo modelos de relação laboral (Uber) e custos e perfis de densidade populacional em cidades inteiras (Airbnb). Para o bem e para o mal, estes exemplos não podem ainda ser classificados em absoluto, isto é, não podemos à partida colocar este tipo de plataformas no saco das “más” tecnologias, de desindividuantes e socialmente desestruturantes, mas conhecem-se já as alterações que muito rapidamente provocaram, e o alcance que poderão vir a ter quando aplicados a outras áreas de serviço. De tal modo que se fala em “uberização social”, em particular quando se querem destacar os efeitos nocivos da sua introdução na prestação de serviços.

Neste contexto, numa análise dos problemas que se apresentam, destacam-se alguns eixos que vamos presenciando em separado, mas que se articulam em padrões que conseguimos identificar:

- A necessidade de abordar os problemas de forma mais abrangente e conjunta;
- A observação do impacto dos aparelhos tecno-sociais na reconfiguração psicológica das pessoas;
- O facto de sermos pensados e agidos com o auxílio dos dispositivos técnicos;
- A dissolução identitária e a presença de armas de destruição massiva da individuação;
- A perda dos «grandes integradores» - Escola, família, Estado, Trabalho, Futebol;
- O investimento na Economia da atenção e a respectiva perda de tempo de cérebro disponível e a importância crítica da selecção sobre os ocupantes de cérebro disponível;
- A fragilização dos objectos internos pela perda de memória e constrangimento performativo;
- A miséria simbólica da espectacularização do mundo;
- A perversão de uma economia libidinal homogénea e sem alternativa;
- A necessidade de inventar as condições de uma nova *Philia* que escape a estas formas de homogeneização.

Referências

Abram, J. (2012). *Donald Winnicott Today*. London: Routledge, 478 p.

Adorno, Theodor e Horkheimer, Max (1969). “A Indústria Cultural - O Iluminismo como Mistificação das Massas” in Lima, L. C. (org.), *Teoria da Cultura de Massa*, Rio de Janeiro, Ed. Saga.

Giddens, A., *As Consequências da Modernidade*, ed. Celta, Oeiras.

Henry, Michel, (1987) *La Barbarie*, ed. Grasset, Paris.

Simondon, Gilbert (1964). *L'individu et sa genèse physico-biologique* - Paris, Presses Universitaires de France, (coll. Épiméthée).

Simondon, Gilbert (1985). *Du mode d'existence des objets techniques* - Paris, Aubier, 1958 (coll. Res).

Simondon, Gilbert (1989). *L'individuation psychique et collective* - Paris: Aubier, (coll. Res).

- Stiegler, B. (2011). Suffocated desire, or how the cultural industry destroys the individual: contribution to a theory of mass consumption, *PARRHESIA*, Number 13. p.52-61
- Stiegler, B. (2005). *De la misère symbolique, 2. La catastrophe du sensible*, Galilée.
- Stiegler, B. (2006). *Réenchâter le monde – La valeur esprit contre le populisme industriel* (avec Ars Industrialis), Flammarion.
- Stiegler, B. (2008). *Economie de l'hypermatériel et psycho-pouvoir*, Mille et une nuits.
- Klein, M. (1967), *Essais de psychanalyse*, ed. Payot, Paris.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self*. New York: International Universities Press
- Winnicott, D. W. (1958). The Capacity to be alone, *The International Journal of Psycho-analysis*, Institute of Psychoanalysis, Sep-Oct;39(5):416-20.
- Winnicott, D. W. (1971a). "Transitional Objects and Transitional Phenomena" In *Playing & Reality*, London: Tavistock Publications 1971, pp. 1-25.
- Winnicott, D. W. (1971b). "The Location of Cultural Experience", in *Playing & Reality*, London: Tavistock Publications, pp. 95-103.

¹ Imagens conhecidas e exemplares da banda desenhada são "Calvin & Hobbes", sendo Hobbes o urso de peluche sem o qual Calvin não consegue viver, e Linus, de Charlie Brown, que anda sempre com o lençol na boca - o seu objecto transicional.

² Em particular na relação obsessiva com o *smartphone* e, depois, com outros objectos e pessoas.

³ Daqui se induz a importância do **espaço** em casa e na cidade mais e/ou menos "amigo da criança".

⁴ «O "império do eu" foi uma expressão utilizada pelo filósofo romeno Emil Cioran (1911-1995) para descrever o fato de que, em última instância, durante toda nossa existência estamos presos a um imperativo: nós mesmos, e nosso esquecimento pragmático e constante de que somos apenas mais um daqueles que, entre milhares, se arrastam pela superfície do globo (...) "pessoas tratam outras como objetos". Quão óbvio e quão vil isto nos parece? Mas se, para além do entendimento de "objeto" significando "coisa", nós o entendermos como o oposto de "sujeito", poderemos melhor compreender nossa frequente indiferença em relação às outras pessoas. Desta forma, a acusação volta-se para todos: com que frequência temos "percebido" os outros como sujeitos, de fato? Como indivíduos? É claro que muito deste "imperativo de nós mesmos" é reforçado pelo meio em que vivemos, de forma que não poderíamos utiliza-lo para justificar, por exemplo, a existência de um sistema económico que ignore que somos indivíduos coletivos. O nosso resultado individualista muito deve ao mundo neoliberal em que estamos inseridos, em que se valoriza o indivíduo enquanto consumidor e concorrente; em que predominam o hedonismo e o imediatismo, etc.(...)» in Monteiro, V. -url: <http://colunastortas.com.br/2015/05/12/a-dificil-tarefa-de-perceber-o-outro/>, acessado a 1/9/2016.

⁵ Sobre as consequências do uso indiscriminado do **Algoritmo** - o caso (**série TV - "Rush Hour"** - baseado num caso real) do "herói" que tem um acidente e escapa todo queimado, mas morrem a mulher e o filho. O acidente é causado por uma falha no automóvel, novo, que é posto a circular com falhas e conhecimento da fábrica. Ele descobre que os responsáveis decidiram manter os carros a circular por razões economicistas. Quando os encosta literalmente à parede, o gestor responsável confessa que **aplicou uma fórmula**, e decidiu em face disso). Emerge o problema do **fascínio da calculabilidade**, que é, afinal, também o da automatização em Stiegler.